

possam responder ao repto de necessidades crónicas' (p.49). Estas intervenções deverão ter como objectivos centrais a resolução das necessidades psicossociais, a activação de estratégias adequadas para lidar com os problemas, a criação de uma rede de relações para a família, isto é, ampliar a rede de apoio social que lhes permita a satisfação das suas necessidades a longo prazo.

O autor sistematiza um conjunto de tipos de intervenção na fase da crise e na fase crónica, apresentando procedimentos e protocolos centrados no indivíduo, no grupo e nas redes, assim como estratégias de reabilitação psicossocial e intervenções psicoeducativas. Enfim, a forma didáctica como os materiais estão organizados é de uma enorme utilidade, como já referi, para quem trabalha ou quer trabalhar com tal problemática, sendo que, Góngora termina o livro, apresentando uma experiência onde são concretizados os procedimentos e os princípios defendidos pelo autor. Embora seja um pequeno livro, onde muito fica por dizer, não deixa de ser uma óptima pista de leitura para quem se ocupa desta área, porque parece muito útil e nunca é redutor.

**Sonia Guadalupe de Abreu**  
*Instituto Superior Miguel Torga*

**Orlanda de Azevedo. 2003. *As Metamorfoses do Corpo e a Problematização da Identidade*. Lisboa. Edições Colibri. 128 pp. ISBN 972-772-412-4.**

Os últimos anos têm sido férteis em abordagens literárias da problemática interrogante da identidade, sobremaneira pelo viés de estudos que privilegiam a comparação num dimensionamento epistémico que organiza discursividades mobilizadoras de intercepções que se mobilizam em torno de diferenças conceptuais e posicionamentos teóricos aparentemente inconciliáveis. Tal o caso de quem se propõe introduzir um discurso ou discursos sobre o corpo, monumento de suspeições, pelo menos até há algum tempo, decorrente da utilização de uma linguagem de vocação segmentária e perseguida por limitações históricas e mesmo filosóficas. Enquanto significativa, o corpo desmultiplica significados e cada um se assume significativa de uma cornucópia de sig-

nificados, que reconduz o problema ao nível da violência de que fala José Gil, pois “quanto mais nele se fala, menos ele existe por si próprio” (Metamorfoses do Corpo).

É no entrecruzar destas múltiplas e multímodas possibilidades interrogantes que podemos situar o livro de Orlanda de Azevedo, que desde já referenciamos como um dos mais belos e inteligentes ensaios sobre o problema das relações entre identidade e a possibilidade referencial da notação e da representação do corpo, recusando leituras superficiais da sua existência como objecto de culto ou trajecto de terrores.

O culto do corpo explodiu num espaço mediático que vai da revista de quiosques esconso à mercantilizada sinopse de terapias ginásias sofisticadas, mas enquista-se um tanto quando se enfrenta enquanto metonímica concreção de abordagens sistematizadas e aprofundamentos teóricos que acabam por bulir com a ancestralidade das inquietações e a imobilidade das tradições, caso do texto que nos mobiliza que trata com agilidade de pensamento e notável espessura estilística a pensabilidade de problemáticas tão densamente estimulantes como a sexualidade e a totalidade, como redesenha os limites da convencionalidade segmentadora do ser homem e do ser mulher. E no percurso da sua construção reflexiva, Orlanda Azevedo confronta necessariamente (adverbializo com propósito) sacralidade e dessacralidade, identidade e alteridade, unidade e multiplicidade, humanidade e divindade, não como oposições mas complementaridades que se (re)solvem no corpo como lugar geométrico de uma exacta equação de questionamento que nos justificam no limiar de todas as relações possíveis com o universo e as coisas.

Falei acima de inteligência e gostaria de poder demorar-me na sensibilidade que se evola desta escrita reflectida que ao defrontar duas obras, O Físico Prodigioso, de Jorge de Sena, e Orlando, de Virgínia Woolf, nos convida para releituras agora afinadas por este suporte que de forma surpreendente nos ensina a perceber a transformação, a forma em movimento para além da aparência, a identidade refigurada sucessivamente por esse estranho sopro de vida que metamorfoseia, isto é, reconstrói no e para além do corpo um eu e um outro.

Estarmos perante um texto de análise literária é ficarmos muito aquém da(s)

proposta(s) deste livro, pela transdisciplinaridade que o atravessa e pela clareza do seu exercício intelectual, ou seja a estrada larga de a partir da corporalidade estabelecer trajectórias de interrogações que o elevam ao estatuto de filosofema de interminável resolução.

Se reconhecemos que é indispensável ler este livro, não queremos deixar sem referência a bela capa, a partir de um quadro de Rita Pereira Marques. Nada aqui é insignificante, anda tudo ligado. Onde o corpo se abra em ferida, ressoa também uma outra Tocata e Fuga, para dentro e fora de nós mesmos.

**José Henrique Dias**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Carlos Amaral Dias. 2003. Modelos de Interpretação em Psicanálise. Coimbra: Almedina. 136 pp. ISBN: 972-40-1891-1.**

*Modelos de Interpretação em Psicanálise*, de Carlos Amaral Dias, prolonga e desenvolve um livro anterior, de 2001, *Da Interpretação em Psicanálise*, obra essa de circulação restrita, epigramática e muito hermética. A obra presente beneficia de ser a transcrição de um seminário e, à semelhança das últimas obras, é na oralidade que o autor ganha leveza, memória e imaginação. Isto é, uma *palavra alada*.

Os antigos não davam importância aos livros. Pitágoras não escreveu voluntariamente. Ele queria que o seu pensamento sobrevivesse à sua morte física na mente dos discípulos. Daí a expressão: *O mestre disse-o*. Platão pretende corrigir a *mudez* dos livros, inventando os diálogos e foi, também ele, um autor oral. Ainda a propósito, o testemunho mais notável é o de Séneca. Nas suas cartas a Lucílio, há uma dirigida a um indivíduo muito vaidoso, de quem se diz que possuía uma biblioteca com cem volumes e quem – interroga-se Séneca – pode ter tempo para ler cem volumes?! Claro que hoje não é assim. Valorizamos as bibliotecas e os livros. E, como escreveu Borges, ‘um livro tem de ir mais longe que a intenção do seu autor’. Penso que esta obra de Carlos Amaral Dias o consegue. E consegue-o com *sageza*. Porque, na prática, critica um saber que seja apenas saber. Ela estabelece, como diria

Eduardo Prado Coelho, ‘uma relação de equilíbrio e reconciliação com o corpo daquele que sabe; uma relação com a memória do mundo e com o que nela se acumulou de uma sabedoria implícita, uma relação de abertura e disponibilidade para ouvir a palavra do outro’. E é só neste enquadramento que o saber tem algum sentido.

Emerson dizia que ‘é o bom leitor que faz um bom livro’. Não pretendo, assim, dest’arte, resumir, simplificar, escolarizar, o conteúdo desta obra; tarefa essa rebarbativa. O livro está aí para ser lido e para ser transformado de produto duradouro em produto não duradouro. São as (suas) margens e não o rio que nos interessam.

Sabemos que, desde Aristóteles, interpretar é dar um sentido. Podemos ainda considerar que o desafio maior da interpretação é a inevitabilidade de ter de interpretar a interpretação. E isto porque a fala e o próprio corpo que a exprime são já, provavelmente, uma forma primordial de interpretação. Onde há interpretação não há apenas *logos*, mas também *mito*. Se o mito parece, em primeiro lugar, possuir uma função imaginária, ‘ele faz com que o homem relacione o mundo onde habita com outros mundos, tentando, assim, dilatar o exercício da compreensão e do pensamento’. Esta ambivalência do mito, escreve José Manuel Heleno (*A Experiência Sensível*), ‘é reconhecida pela alegoria. É preciso, então, penetrar no mito e descobrir um sentido oculto para além do manifesto, pois, onde há mito, há, invariavelmente, algo que indica a espessura da realidade’.

Freud partiu de três vectores fundamentais: 1. A interpretação do sonho e do sintoma neurótico. 2. A interpretação da cultura. 3. A introdução da pulsão de morte. Paul Ricoeur, no *Conflito das Interpretações* (1969), mostra que há sempre dois universos de discurso a percorrer na psicanálise: a *linguagem da força* e a *linguagem do sentido*. E é aqui que Ricoeur, e penso que Carlos Amaral Dias (de certo modo), ao contrário de Jacques Lacan, insiste no facto de o freudismo não se poder reduzir a uma semiologia. *É que são as palavras que são tratadas como coisas e não o inverso*.

Em 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud apresenta uma concepção do aparelho psíquico que não está obcecada com a ‘anatomia’ (como no *Projecto*), oscilando entre uma representação real e uma representação figurada. Estas duas modificações exprimem